

# EDUCAÇÃO GRÁFICA

## A ILUSTRAÇÃO DE LIVRO INFANTIL: ANÁLISE DE SEUS DIFERENTES ESTILOS E COMPOSIÇÕES

Luciana Oshiro<sup>1</sup>

Milton Koji Nakata<sup>2</sup>

### Resumo

O objetivo deste trabalho foi a pesquisa para apresentação de algumas diretrizes de ilustração em livro infantil de maneira a proporcionar uma melhor assimilação e compreensão do conteúdo, considerando-se a importância desta às crianças em sua fase de pré-alfabetização. Para tal, fez-se primeiramente um estudo teórico a respeito do panorama histórico da literatura infantil e de sua ilustração, bem como do desenvolvimento da criança na fase já descrita. Feito isto, foram selecionados doze livros compostos por diferentes tipos de ilustrações e diagramações, realizando-se posteriormente uma análise a respeito destas imagens quanto a sua disposição e composição. Concluída a análise verificou-se se estas características se encontravam de acordo com as levantadas a respeito da percepção da criança na sua fase de pré-alfabetização. Com base nesses dados, identificaram-se as eventuais falhas que possam vir a prejudicar o entendimento da informação a ser transmitida para a criança, apresentando-se, por fim, o indicativo para possíveis soluções destas.

Palavras-chave: Design; Ilustração; Livro; Programação Visual.

### Abstract

This study aims at presenting some patterns of illustration in children's books that could promote a better assimilation and understanding of the book contents by the child, considering how important they are for the children in their pre-literacy period. To do so, a theoretical study analyzing the historical aspects of children's literature and their illustrations, as well as the children's development during the aforementioned period, was made. Twelve books were selected and analyzed according to different kinds of illustrations and diagrams presented. After this analysis, the characteristics of the books were compared to the aspects of the children's perceptions, emphasizing what is really important for these readers. Based on this, faults that could damage the understanding of the contents were detected, and finally, possible solutions for these faults were presented.

---

<sup>1</sup> Graduanda de Design, Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação - UNESP; oshirolu@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor Doutor - Departamento de Desenho Industrial - Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação - UNESP; milton@faac.unesp.br.

**Keywords:** Design; Illustration; Book; Graphic Design.

## 1. Introdução

Desde o ano de 1900 a.C. aproximadamente, o homem faz uso de figuras a fim de expressar-se e representar aquilo que via na forma de desenhos e hieróglifos em paredes de cavernas. Com o passar dos anos, desenvolve também a fala, podendo transmitir agora fatos e pensamentos.

Mais tarde, como conseqüência disto, surgem diversas formas de escrita, facilitando assim transmitir histórias e documentar acontecimentos ocorridos. No início, ela era privilégio de poucos e à grande massa populacional só cabia a linguagem oral. LINS (2004) afirma que na época da Idade Média, antes do surgimento da imprensa, os textos eram feitos à mão, repletos de ornamentos já havendo uma preocupação com o emprego de uma linguagem visual a fim de complementar a parte escrita.

Até hoje essa linguagem visual se vê muito presente nos livros, principalmente se tratando de livros infantis. Como já comprovado em estudos, a identificação das crianças com imagens é grande. Entretanto, mesmo com todo o investimento dado aos livros infantis no que diz respeito às variadas técnicas e estilos de ilustrações e o aprimoramento da qualidade gráfica do impresso final, Lins (2004) constatou um decréscimo no número de leitores.

Assim, surgem duas questões. Estariam os livros infantis aplicando corretamente a ilustração de forma a incentivar e facilitar a melhor assimilação do conteúdo pelas crianças? Como despertar o interesse e maior interação da criança com a história e não torná-la apenas uma ouvinte desta?

## 2. Revisão Teórica

### 2.1. O surgimento da literatura infantil e o panorama histórico da ilustração

A relação homem e imagem é bastante forte desde seus primórdios. Já ao nascer ele se vê rodeado delas. Os primeiros registros das expressões humanas se dão nas paredes das cavernas, na forma de desenhos e hieróglifos (LINS, 2004). Relacionando a imagem com a literatura, a mais antiga ilustração data do ano de 868, na China, utilizando-se da ilustração e texto ainda fazendo uso da técnica manual gravada em bloco de madeira. Todavia, neste período não existiam ainda os livros propriamente ditos. Segundo Manguel (1997), a origem dos primeiros livros pode ser apontada das tabuletas feitas em argila ou rolos de papiros, um tipo de papel egípcio advindo de um vegetal de folhas compridas e com hastes secas. O posterior uso de peles de animais permitiu o surgimento do "quaterni" ou dobradura em quatro, dando um melhor aproveitamento de espaço e proporcionando um maior arranjo das páginas.

Outro aspecto que não poderia deixar de ser citado foi o advento da imprensa. A produção artesanal fazia do livro um objeto bastante caro onde poucos podiam pagar para adquiri-lo. O desenvolvimento da impressão fez com que os livros perdessem o seu caráter de objeto único passando a ser reproduzível e mais acessível a uma parcela crescente da população. Este

foi um marco importante visto que permitiu o ingresso do público infantil no mundo literário.

No início, não havia uma literatura especificamente voltada a esses leitores. Foi apenas no século XVII que, na França, a criança é reconhecida como um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias (COELHO, 1991). De fato o mundo das percepções infantis é profundamente diferente do dos adultos (VIGOTSKY; LURIA; LEONTIEV, 2001). Assim sendo, um conhecimento mais a fundo deste público é necessário, sendo apresentado no tópico a seguir.

## 2.2. O Público alvo: As Crianças

A faixa etária do atual projeto proposto é a da pré-escolaridade, o que segundo Mukhina (1996) corresponde ao período dos três aos sete anos de idade. É claro que a individualidade existe e o desenvolvimento de duas ou mais crianças de uma mesma idade nunca se dará exatamente da mesma maneira. Gessel (1996), porém afirma que mesmo isto ocorrendo, estas variações individuais ligam-se a uma tendência central porque as seqüências e o plano básico do desenvolvimento humano são características relativamente estáveis. Assim sendo é possível traçar algumas características delas.

Vigotsky; Luria; Leontiev (2001) em seu estudo comprovaram que as crianças na faixa etária dos dois a cinco anos podem ter preferências acentuadas pelas cores, enxergando principalmente suas combinações de tonalidades nas manchas.

Na idade dos três ou quatro anos, a criança gosta de explorar as coisas e entra na tão conhecida "idade dos porquês". Larrick (1969) explica a importância desta etapa, já que é através dela que as crianças partem em busca de respostas, encontrando nos livros uma fonte de novas idéias e novas experiências. Nesta idade elas possuem uma vaga compreensão das figuras de um livro, se entretém durante um curto período olhando para as imagens, virando as páginas, apontando objetos e designando-os pelos nomes. Os livros de qualquer gênero com figuras em relevo são tateados repetidos vezes e também se inicia o gosto por colorir. Pode-se ainda ignorar completamente as formas e ter preferências acentuadas pelas cores (GESELL, 1996).

Em se tratando de crianças de quatro a cinco anos, elas possuem como característica a disposição a ouvir histórias mais longas e já demonstram interesse por selecionar, elas mesmas, determinados livros. Segundo estudos realizados por Larrick (1969), constatou-se que nessa faixa etária as histórias com animais possuem uma boa aceitação. Além disso, elas se identificam com diversos materiais tais como lápis, papel e cola, preferindo desenhar e colorir livros com figuras (GESELL, 1996).

Já ao atingir os sete anos a criança inicia o desenvolvimento de um pensamento mais racional e começa a interessar-se por livros que realcem ações ou aventuras, mostrando o heroísmo e a coragem do personagem. Gesell (1996) exemplifica contando que a leitura de um livro sobre incêndios pode acarretar uma longa discussão sobre os prós e contras do fogo.

Atentar-se a todas estas características e produzir uma obra de fato adequada às crianças na sua fase de pré-alfabetização não é fácil. Assim sendo, um projeto bem estruturado é fundamental para a obtenção de um resultado mais adequado e satisfatório.

### 2.3. Projetando um livro infantil

Começando pelo conteúdo textual, Neto; Rosamilha; Dib, (1974) chamam de "inteligibilidade do texto" a propriedade que o material escrito deve possuir, primando por facilitar a compreensão de quem lê. No entanto, uma compreensão facilitada não é sinônimo de um conteúdo resumido ou vazio. Novas informações, experiências e vocabulários são fundamentais, pois promovem um contato maior com novos conceitos, descobertas e situações atuais. Assim sendo, o texto será inteligível quando conseguir interpretar e simplificar o conteúdo por meio de linguagem acessível ao público infantil, organizando e estruturando este da melhor forma e fazendo uso também dos recursos tipográficos e ilustrativos que facilitam o processo de aprendizagem.

Por isso, durante a sua criação e execução, o material "livro infantil" conta com a participação de vários profissionais tais como o escritor, pedagogos e também os designers. Enquanto os psicólogos e educadores julgam se a obra é adequada à determinada faixa etária, os designers se responsabilizam pela pesquisa teórica e técnica buscando obter as imagens, cores, escolhas tipográficas, formas ou materiais mais adequados para a execução daquele projeto. O designer é o responsável por integrar o conteúdo textual e visual de forma a proporcionar assim a maior legibilidade e comunicabilidade com o leitor. A ele cabe a preocupação com a qualidade estética e funcional do livro, fazendo com que este se torne um objeto agradável ao espectador, compondo-o de informações visuais que proporcionem uma interpretação mais a fundo e uma reflexão, estimulando o imaginário e o fantasioso. Assim sendo, o desenvolvimento de novas tecnologias veio a favorecer e muito o campo da ilustração de livros infantis.

Com o advento do computador e seus novos softwares, resultados cada vez mais surpreendentes são obtidos. Essas ferramentas permitem ao ilustrador explorar, cada vez mais, variadas soluções plásticas (NAKATA, 2004). Diretamente na tela ele encontrará uma vasta gama de cores, texturas e efeitos. Além disso, questões como proporções, perspectivas, pontos de fuga, entre outras, podem ser solucionadas em poucos minutos. Sem dúvida, a grande vantagem desse meio é a praticidade, e a maior rapidez com que os resultados são obtidos. O avançado desenvolvimento dos softwares atuais faz com que certos programas já possuam traçados prontos que simulam com grande perfeição técnicas manuais como pinturas a guache, aquarela, lápis de cor, aerografia, etc.

Nakata (2004) ressalta que assim como a ilustração, a tipografia também é um elemento extremamente versátil usado na composição da estrutura de um design, e muito poderoso quando desenvolvido apropriadamente primando pela legibilidade do conteúdo e não sendo tratada apenas como um ornamento ao livro. Com a computação, esta foi bastante beneficiada havendo surgimento de uma possibilidade para a renovação da linguagem gráfica.

Assim, recursos não faltam. Entretanto, cabe ao ilustrador buscar estas atualizações e aplicá-las de forma correta, visto que de nada vale a tecnologia se não implantada conforme as reais necessidades do público alvo. Para a formação de um conjunto final mais apropriado, todos os elementos devem ser aplicados de forma adequada.

### 3. Análise dos livros infantis

Após o levantamento teórico, foram selecionados livros infantis de diferentes autores e ilustradores levando-se em conta principalmente os diversos estilos de ilustrações. Também se atentaram às diferentes diagramações nas páginas, às proporções entre figuras e textos presentes, ao formato do livro, ao tipo de papel e à qualidade gráfica da impressão. Os livros analisados foram: A Corujinha Juju (MOURA, 2001), A Família do Marcelo (ROCHA, 2001), A Libélula e a Tartaruga (ALVES, 1999), A Velhinha Maluquete (MACHADO, 1998), Boas Maneiras / Público (MOURA, 199-?), Descobrimo o Mundo dos Dinossauros (RUTZEN, 199-?), João contra a Bruxa Cabelão (AMARAL, 2001), Poesias para Crianças / Cinco Sentidos (HEINE, 199-?), O Pote de Melado (FRANÇA e FRANÇA, 2003), O que é? (MACHADO e CLAUDIUS, 2000), O Menino Maluquinho e Os Voluntários da Pátria (BARBALAT, 2001) e Três Vampiros se Divertem (CARDOSO, 2001).

Durante a análise identificaram-se algumas características positivas e negativas. O primeiro e mais importante aspecto comprovado foi à presença das ilustrações na composição de todos os livros.

Constatada a presença das imagens notou-se a divisão destas em duas naturezas: coloridas e em preto, branco e tons de cinza. Na amostragem analisada verificou-se a maior presença de livros com ilustrações coloridas, um resultado satisfatório visto que segundo Larrick (1969) os livros mais indicados são os pequenos contos com belas ilustrações a cores.

Outro aspecto analisado foi a questão do contraste. Um problema encontrado em relação a este foi a constante aplicação de cores próximas (de uma mesma família de cores quentes ou frias) ou em tons próximos em áreas também próximas, podendo assim confundir o pequeno leitor, conforme figura 1.

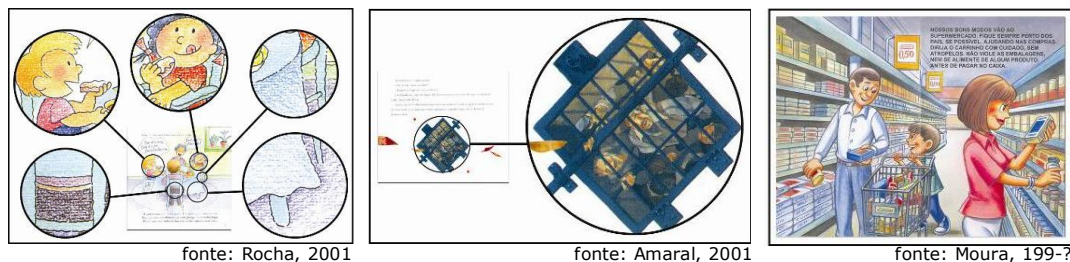


Figura 1.: Aplicação de cores próximas – À esquerda “A Família de Marcelo” (ROCHA, 2001), ao centro “João Contra a Bruxa Cabelão” e à direita “Boas Maneiras / Público”

Outra forma de contraste é o de tamanho, o qual foi pouco explorado, sendo encontrado em apenas um dos doze livros selecionados (“Poesias para Crianças / Cinco Sentidos”, HEINE, 199-?). Este tipo de recurso é útil,

pois auxilia na compreensão e chama a atenção do leitor para o assunto principal, no caso, cada sentido e seu respectivo órgão sensorial, conforme figura 2.

fonte: HEINE, 199-?

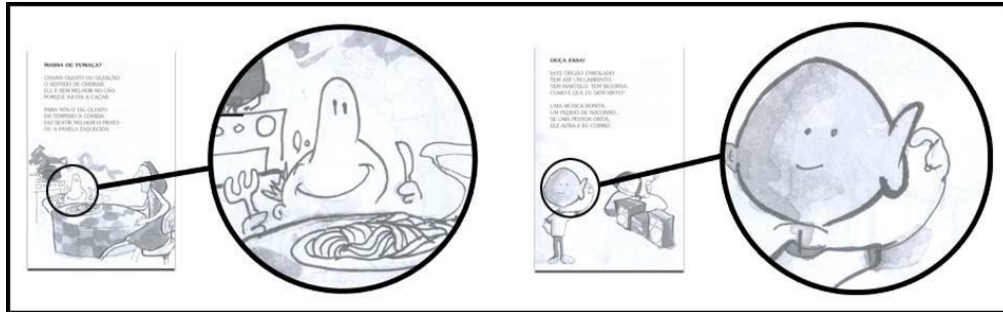


Figura 2.: O Contraste de Tamanho – “Poesias para Crianças / Cinco Sentidos”

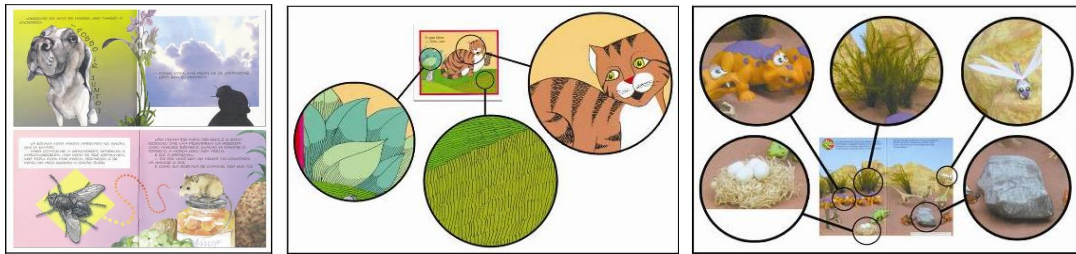
Em relação ao traçado contornando os elementos, Mukhina (1996) relata em seu livro uma experiência realizada com crianças de três, quatro, cinco e seis anos onde concluiu que a presença deste na ilustração é importante, pois auxilia na identificação dos elementos. Os livros analisados apresentam quase sempre este traçado, o qual variou de linhas mais grossas a mais finas, na cor preta ou outra de acordo com as cores utilizadas nas determinadas regiões da imagem. Notou-se que as áreas onde se optou pelo não uso do traçado são as de estilo mais realistas ou menos caricatas, como no caso de “João contra a bruxa Cabelão” (AMARAL, 2001) e “A Velhinha Maluquete” (MACHADO, 1998). Entretanto houve casos onde a complexidade da ilustração fez com que essa se tornasse confusa, exigindo maior atenção do leitor devido ao grande detalhamento da cena, conforme figura 3. Nestas situações a utilização de uma linha contornando os elementos seria útil, demarcando os personagens ou objetos principais e ajudando na sua identificação e entendimento.

Os livros no geral empregaram diferentes técnicas na produção da imagem. Figuras mais caricatas, com pinturas semelhantes ao lápis de cor, aquarela, giz de cera, passando por figuras mais reais, com traços mais característicos do computador e até a construção de personagens em massa de modelar foram encontradas. Este é um ponto muito significativo, pois mostra uma preocupação dos ilustradores em tentar chegar a uma linguagem mais apropriada para transmitir a mensagem desejada, além de dar ao público infantil uma maior variedade nas obras o que ajuda no contato das crianças com as diversas técnicas, conforme figura 4.



fonte: Amaral, 2001

Figura 3.: Ausência de Traçado de Contorno – “João Contra a Bruxa Cabelão.”



fonte: Machado, 1998)

fonte: França e França, 2003

fonte: Rutzen, 199-?

Figura 4.: Diferentes Técnicas – À esquerda “A Velhinha Maluquete”, ao centro “O Pote de Melado” e à direita “Descobrimdo o Mundo dos Dinossauros”

Em se tratando da integração texto e imagem, um dos problemas encontrados foi a falta de conexão entre a idéia principal da narrativa e a ilustração, no que diz respeito à expressão dos personagens. Um exemplo disto foi encontrado em “Três Vampiros se divertem” (CARDOSO, 2001) onde o parágrafo conta que os três personagens Xisco, Xarope e Xereta são expulsos de seu castelo por uma bruxa (Xandoca). A ilustração utilizada apresentou os garotos sendo expulsos e fugindo de Xandoca, porém as expressões em seus rostos demonstram felicidade. Na obra “A Corujinha Juju” (MOURA, 2001) em um total de sete ilustrações, sendo sete situações distintas, a personagem principal apresenta-se em cinco delas com a mesma expressão facial, conforme figura 5.

Quanto à diagramação a principal falha encontrada foi em relação à legibilidade do texto. No caso, a sobreposição do texto na ilustração ou vice e versa acaba por prejudicar parcialmente a leitura, conforme figura 6.

Já quanto à inteligibilidade do texto apenas dois podem ser apontados como de maior complexidade. São eles: “A Libélula e a Tartaruga” (ALVES, 1999) e “João contra a Bruxa Cabelão” (AMARAL, 2001), ambos indicados para a faixa etária dos quatro a oito anos. O primeiro apresentou um vocabulário extremamente rebuscado (emprego de palavras como ‘efêmero’, ‘diáfnas’, ‘prudentes’ ou ‘leviano’) e o conteúdo da narrativa foi mais adulto, mostrando duas maneiras de se enxergar e viver e reagir frente a diferentes situações, incluindo-se a morte. Já o segundo apresentou uma história que exige uma maior atenção do leitor e utilizou algumas palavras não muito usuais (‘jequitibá’, ‘ceia’, ‘estrondo’, entre outras) para crianças. Entretanto a narrativa foi bem mais simples que a anterior.

Por último, analisaram-se os aspectos gráficos. Notaram-se uma preocupação com a diagramação das páginas, espaçamentos em branco e margens. As informações estão no geral bem distribuídas, com exceção dos problemas já ressaltados anteriormente. O que se observou como pouco explorado foi à questão do tipo de papel, formato da obra e tipografia. Neto; Rosamilha; Dib (1974) afirmaram que o uso de papéis muito finos pode prejudicar a percepção visual das letras, principalmente se a sombra das letras impressas na outra face do papel se fizer presente no verso do mesmo. No livro “Poesia para Crianças – Cinco Sentidos” (HEINE, 199-?) verificou-se esta falha. A folha permite a visibilidade de parte do texto e ilustração da página anterior (figura 7). O mais interessante foi que esta ocorreu justamente no tipo de papel mais indicado para melhor legibilidade, opaco e sem brilho segundo Neto; Rosamilha; Dib (1974).

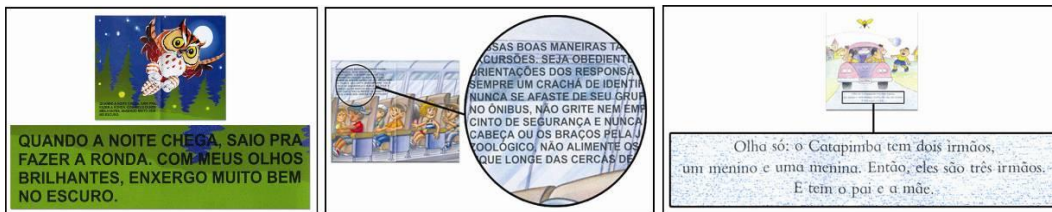
Outra falha encontrada foi na qualidade final das imagens que compõe a obra "O menino Maluquinho em Os Voluntários da Pátria" (BARBALAT, 2001). As ilustrações são marcadas pela presença de pontos e serrilhadas, conforme figura 7.



fonte: Cardoso, 2001

fonte: Moura, 2001

Figura 5.: Integração texto e imagem – À esquerda "Três Vampiros se divertem" e à direita "A Corujinha Juju"



fonte: Moura, 2001

fonte: Moura, 199-?

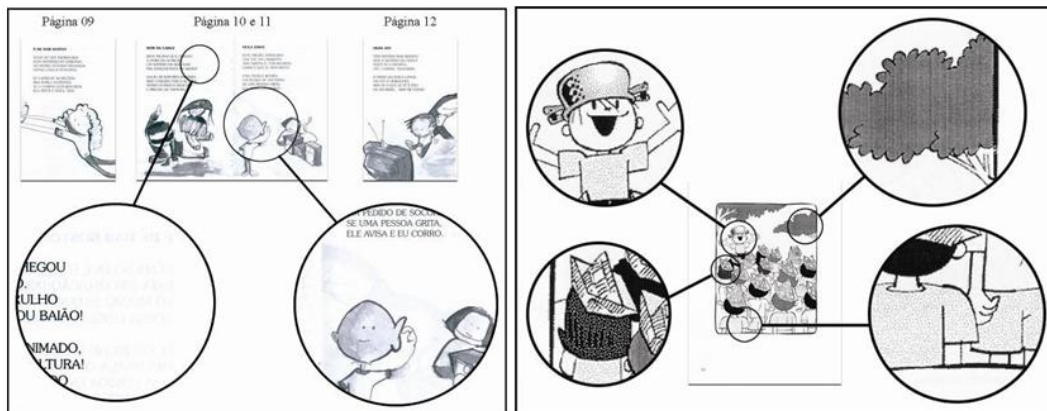
fonte: Rocha, 2001

Figura 6.: Legibilidade – À esquerda "A Corujinha Juju", ao centro "Boas Maneiras / Público" e à direita "A Família de Marcelo"

No quesito formatos, estes variaram entre quadrangular e retangular, enquanto a tipografia variou entre Elzevir, Didot e Bastonada, com exceção das obras "O que é?" (MACHADO e CLAUDIUS, 2000) e "A Velhinha Maluquete" (MACHADO, 1998) que utilizaram os tipos Bastarda e Fantasia. O emprego da caixa alta se deu em seis das doze obras analisadas: "A Corujinha Juju" (MOURA, 2001), "A Velhinha Maluquete" (MACHADO, 1998), "Boas Maneiras – Público" (MOURA, 199-?), "Conhecendo os amigos Dinossauros" (RUTZEN, 199-?), "Poesias para Crianças – Cinco Sentidos" (HEINE, 199-?) e "O que é?" (MACHADO e CLAUDIUS, 2000).

Segundo Gomes (2003), tipos em caixa alta não são indicados para textos longos por proporcionar uma leitura desconfortável. Entre as obras analisadas a única que apresenta problemas para a sua leitura foi o livro "Boas Maneiras – Público" (MOURA, 199-?). A grande quantidade de texto por página somado ao uso da caixa alta faz com que a leitura se torne um pouco cansativa, conforme figura 8.

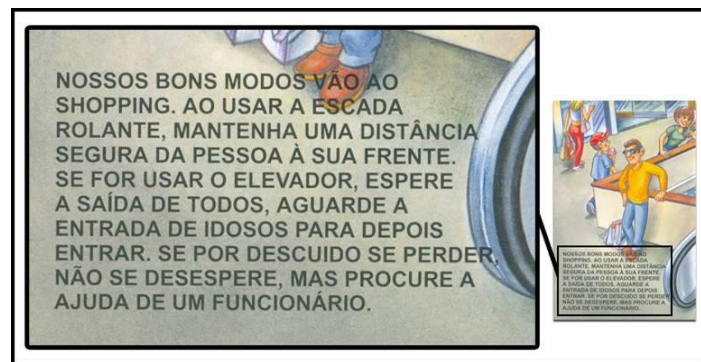




fonte: Heine, 199-?

fonte: (Barbalat, 2001).

Figura 7.: Falha no aspecto gráfico – À esquerda “Poesia para Crianças – Cinco Sentidos” e imagem em baixa qualidade - À direita em “O Menino Maluquinho em Os voluntários da Pátria”



fonte: MOURA, 199-?

Figura 8.: Leitura cansativa – “Boas Maneiras / Público”

#### 4. Considerações

Os livros exercem um papel muito importante na educação e informação dos seres humanos de todas as idades, pois proporcionam o conhecimento e a compreensão dos fatos, podendo despertar outros interesses e auxiliar na qualidade de vida do leitor.

Para as crianças, eles desenvolvem e estimulam a imaginação, a criatividade e o gosto pela leitura. Assim sendo, projetar um livro infantil não é uma tarefa simples. Levando-se em conta ainda a exigência cada vez maior de seu público movido pelo convívio em meio a uma realidade repleta de altas tecnologias e os mais variados tipos de produtos, não é de se espantar que estes procurem também nos livros, qualidades estéticas e criativas que lhes chamem a atenção e os motivem a se adentrarem no mundo da leitura.

Para que isso aconteça, não basta apenas o livro ser formado de uma boa história. Desde o momento que antecipa a sua aquisição, a obra literária já deve possuir atributos que despertem ou aumentem o desejo do leitor para o início de sua leitura. Além disso, é fundamental que esta motivação não só aconteça durante o primeiro contato com o

determinado produto, mas sim que se encontre durante a leitura algo que mantenha esse grau de interesse.

Isto pode ser obtido através de um projeto gráfico bem estruturado e realizado. Neste caso a integração entre o conteúdo escrito e o visual é fundamental. Assim a presença da ilustração não só representando visualmente, mas dialogando com o texto tem o poder de questionar, reformular, sintetizar e acrescentar novas informações ao que foi escrito, possibilitando ao receptor da mensagem uma leitura mais completa e rica. Em se tratando de livros infantis destinados ao público pré-escolar (três a sete anos) isto se torna ainda mais importante, visto a grande identificação das crianças desta faixa etária com figuras, imagens e desenhos. A ilustração destes livros não é apenas um simples ornamento agregado ao texto aleatoriamente, mas possui o importante papel de auxiliadora da compreensão do conteúdo a ser transmitido, incentivando também a imaginação e o desenvolvimento perceptivo.

Porém é importante lembrar que cada obra deve receber uma solução específica, pois uma história nunca é igual à outra. Para o encontro do resultado mais adequado, a exploração de diferentes técnicas é válida. O responsável pela ilustração da obra deve buscar unir beleza e funcionalidade, apresentando a mensagem de forma clara. Para isto, a escolha de diferentes técnicas pode auxiliar para despertar a atenção do público.

Entretanto, deve-se se atentar a algumas características importantes, a começar pelo uso das cores. Elas se mostram mais eficientes ajudando na melhor percepção das imagens, destacando as ilustrações em meio ao texto e chamando a atenção do leitor, diferente daquelas que utilizam apenas o preto, branco e suas derivadas tonalidades.

Juntamente às cores, as crianças se atentam muito às formas do objeto, assim sendo as linhas de contorno auxiliam na identificação e definição das mesmas. Isto é reforçado ainda com a aplicação do contraste. Com ele pode-se dar ênfase a determinada parte da cena em questão, tornando a página mais dinâmica além de quebrar a monotonia da peça gráfica.

A utilização de novas tecnologias também é bem vinda. Todavia, cabe ao ilustrador estar buscando as atualizações presentes no mercado e aplicando-as de forma correta, visto que de nada vale a tecnologia se não implantada seguindo as reais necessidades do público alvo.

É importante destacar também o papel fundamental que o designer tem no projeto gráfico do livro infantil bem como na composição das suas ilustrações, visto que ele muitas vezes não é apenas responsável pela diagramação das imagens, mas também em muitos casos pela própria criação destas. Os conhecimentos e conceitos possuídos pelo designer no que diz respeito a melhor forma de se transmitir a idéia trabalhando em conjunto com o ilustrador especializado mais nos aspectos técnicos para o desenvolvimento das ilustrações só tendem a melhorar o resultado final.

Outro fator que merece atenção é com relação ao texto. Estando o leitor infantil na fase de aprendizagem, as obras destinadas a eles devem possuir uma linguagem compreensível sem que esta acarrete também no empobrecimento do conteúdo. Deve haver uma preocupação na escrita e diagramação deste em meio à ilustração.

Tendo em vista todas as características citadas e utilizando-se das palavras de Neto; Rosamilha; Dib (1974), podem-se afirmar, portanto que um livro onde se tem uma total harmonia entre o texto, caracteres e espaços tipográficos, ilustração, papel, encadernação e claro, o preço final, é o que pode ser chamado de um livro bem planejado. Entretanto o fator custo deve ser bem analisado, visto que o bom planejamento de um livro não é um gasto, mas um investimento necessário para um resultado de fato satisfatório.

Assim sendo, enquanto não houver uma conscientização e maior reconhecimento da importância de todos os aspectos citados para a leitura e entendimento do conteúdo pelos pré-escolares, falhas continuarão acontecendo, podendo sim contribuir para o desinteresse das crianças pelas obras.

## 5. Bibliografia

- [1] ALVES, R. **A libélula e a tartaruga**. 8º edição. São Paulo: Paulus. 1999.
- [2] AMARAL, M. L. **João contra a bruxa Cabelão**. São Paulo: Editora do Brasil. 2001.
- [3] BARBALAT, L. **O menino maluquinho e os voluntários da pátria**. Curitiba: Educacional. 2001.
- [4] CARDOSO, M. M. **Três vampiros se divertem**. São Paulo: Ave-Maria. 2001.
- [5] COELHO, N. N. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. 4º edição. São Paulo: Editora Ática. 1991.
- [6] COELHO, N. N. **A literatura infantil**. São Paulo: Edições Quíron LTDA; Brasília; INL. 1981.
- [7] CUNHA, M. A. A. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Editora Ática. 1983.
- [8] FRANÇA E FRANÇA. **O pote de melado**. 6º Edição. São Paulo: Editora Ática. 2003.
- [9] GESELL, A. **A criança dos 0 aos 5 anos**. São Paulo: Editora Martins Fontes. 1996.
- [10] HEINE, E. **Poesias para crianças / cinco sentidos**. Editora BrasiLeitura. [199-?].
- [11] LARRICK, N. **Guia dos pais na escolha de livros para crianças**. Rio de Janeiro: Instituto Roberto Simonsen – Centro de Bibliotecnia para o desenvolvimento. 1969.
- [12] LINS, G. **Livro infantil?**. 2º edição. São Paulo: Edições Rosari. 2003.
- [13] MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: CIA das Letras. 1997.
- [14] MACHADO, A. M. **A velhinha maluquete**. São Paulo: Moderna. 1998.

- [15] MACHADO, A. M e CLAUDIUS. **O que é?**. Rio de Janeiro: Salamandra. 2000.
- [16] MOURA, P. **A corujinha Juju**. Editora Ciranda Cultural. 2001.
- [17] MOURA, P. **Boas maneiras / público**. Editora Ciranda Cultural. [199-?].
- [18] MUKHINA, V. **Psicologia da idade pré-escolar**. 1º edição. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA. 1996.
- [19] NAKATA, M. K. **A ilustração de livro infantil: Design contribuindo no seu processo de realização**. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. 61f. Bauru. 2004.
- [20] NETO, S., ROSAMILHA, N e DIB, C. Z. **O livro na educação**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Primor S.A. 1974.
- [21] ROCHA, R **A Família do Marcelo**. São Paulo: Salamandra. 2001.
- [22] RUTZEN, S. **Descobrimo o mundo dos dinossauros**. Editora BrasiLeitura. [199-?].
- [23] VIGOTSKY, L. S., LURIA, A. R. e LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 7º edição. São Paulo: Ícone Editora. 2001.